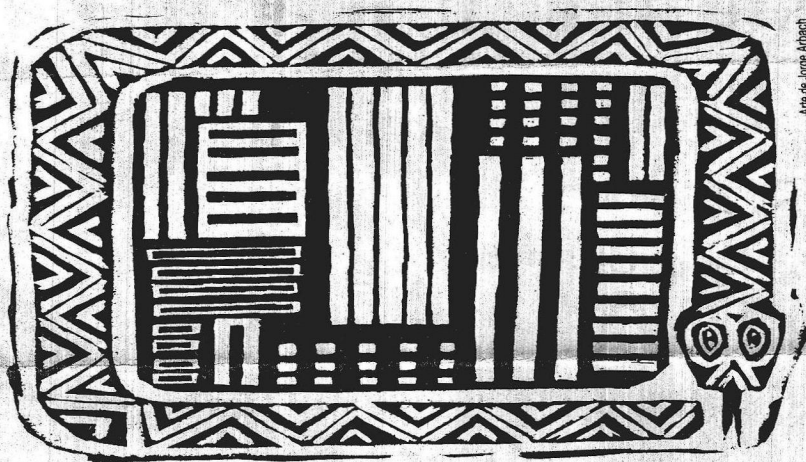


# A Sociedade Exemplar

J. O. DE MEIRA PENNA

Os países em desenvolvimento pautam seu comportamento e elaboram sua **Persona** cultural segundo o modelo das sociedades avançadas que lhes servem de paradigma. Na ausência de tais paradigmas contemporâneos, pode o modelo ser procurado na Antigüidade. Nos séculos XVII e XVIII, por exemplo, os europeus se miraram no passado greco-romano, em que descobriam imagens ideais a serem imitadas. Exacerbou-se nas artes e na literatura a **Querelle des Anciens et des Modernes** e, protestando contra a subserviência ao passado, Molière fez um de seus personagens gritar: “Os antigos, **Monsieur**, são os antigos, e nós somos a gente de hoje”. É a arquitetura que sofria, particularmente, a influência dominante do estilo dito “clássico”, o dos frontões e colunas gregas e dos arcos romanos. Mas também na moda e na decoração doméstica persistia o conservadorismo. Luís XIV fez-se retratar com sua família, seminu como um deus grego... mas de peruca. A imitação do antigo atingiu o exagero no período da Revolução e Napoleão, exprimindo-se no **style empire** com toda sua simbolização política.

Em nosso próprio século, o fascismo reviveu os símbolos do cesarismo. Mas a plena autenticidade do moderno estava definitivamente assegurada a partir do Iluminismo. As nações orientais que se ocidentalizaram imitam o modelo europeu, tido como padrão do **moderno**. O caso mais extraordinário é o da elaboração de uma **Persona** europeia por Pedro o Grande da Rússia que, ao “abrir uma janela sobre a Europa”, inicia a construção de S. Petersburgo sob modelo clássico. A sociedade exemplar torna-se planetária. O



Arte de Jorge Katch

## SOFREM AS NAÇÕES MARGINAIS E DE ORIGEM COLONIAL, COMO O BRASIL, A AÇÃO MODELADORA DA SOCIEDADE EXEMPLAR

colonialismo força a transformação sobre os povos afro-asiáticos, mas a descolonização não suprime o fenômeno, antes o intensifica pela conversão das elites vassalas. Neste mesmo período, emergem os EUA como fruto ultramarino de vanguarda da sociedade europeia e paradigma preeminente do movimento universal de mimetismo.

A Sociedade Exemplar é moderna. A modernidade é mesmo a característica essencial da sociedade exemplar, a tal ponto que sinônimos são os dois termos. As sociedades marginais podem, evidentemente, retroagir, fornecendo seus próprios modelos para a constituição de uma cultura ecumênica que oferecerá, digamos, uma pintura impressionista e arquitetura de estilo japonês; uma dança e música com fontes africanas e latino-americanas; um sistema econômico planejador e centraliza-

dor com raízes no velho “despotismo oriental” patrimonialista sino-russo. Sofrem, no entanto, as nações marginais e de origem colonial como o Brasil, com maior ou menor intensidade, a ação modeladora da sociedade exemplar. Aqui localiza-se principalmente essa influência em São Paulo e no Sul, a parte mais “moderna” do País que, por sua vez, modifica e retransmite para o “Brasil arcaico” os padrões da modelagem: nas praias do Nordeste as gatinhas usam as mesmas sungas de Ipanema e se comportam segundo os ditames da revolução sexual dos anos 60. Sobre as nossas velhas formas originais de existência coletiva plasmamos uma **Persona** esculpida à imagem dos exemplos ultramarinos que importamos pelos jornais, a TV, o cinema e a literatura.

O nacionalismo rebela-se, sem dúvida, contra o império cres-

cente dessas formas estrangeiras. Desde o século passado notamos que grandes autores brasileiros — Silvio Romero, Paulo Prado, Farias Brito, Capistrano, Vicente Licínio, Oliveira Vianna, Guerreiro Ramos, para só citar alguns — se ergueram contra o que consideravam uma bajulação excessiva das idéias principalmente francesas e inglesas, importadas. A reação ambivalente aos Estados Unidos tem a mesma origem, uma mistura de paixão imitativa e de ódio ideológico. As críticas ao **bovarismo** das elites, mormente na esfera política, encerram uma forte dose de inveja, ressentimento e conservadorismo empedernido: toda a modernidade é repudiada quando se esbraveja contra o “imperialismo capitalista”.

As denúncias à “cocacolonização” acompanham a elaboração de uma Teoria da Dependência que pretende tornar-nos “independentes” do centro moderno do mundo, em termos tanto econômicos quanto políticos e culturais. A cultura folclórica autóctone é sublimada pela “direita” conservadora tanto quanto pela “esquerda”, enriquecendo o complexo botocudo de matizes ecologistas, “consciência negra” (ela própria imitativa do **black power** americano) e indigenismo antropológico oriundo de velhos movimentos românticos. Mas o que muita gente, infelizmente, não compreende é que o ecumenismo da civilização moderna é uma fatalidade irreversível.

### O AUTOR

J. O. de Meira Penna  
é embaixador,  
professor e escritor

